

# 16º Encontro Nacional da ABRAPSO - Experiências de desenvolvimento comunitário a partir de um Projeto de Extensão em Psicologia Comunitária no interior do Ceará.

## **Apresentação Oral em GT**

**Autor(es):** Antonio Alan Vieira Cardoso (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), Denise Costa Rodrigues, David Vieira de Araújo, James Ferreira Moura Junior, Verônica Morais Ximenes

**Resumo:** O desenvolvimento comunitário, como é concebido pela Psicologia Comunitária, envolve processos de conscientização dos sujeitos comunitários acerca de sua realidade pautados na autonomia, na democracia, na cooperação e na libertação. É importante ressaltar que todos esses processos são inscritos no psiquismo humano e marcam profundamente o modo como os sujeitos significam suas relações interpessoais e agem no mundo. Para que eles ocorram, é necessária a real inserção comunitária dos extensionistas envolvidos em intervenções comunitárias. Por meio desta perspectiva, desenvolve-se o projeto de extensão: Desenvolvimento Comunitário na Região do Médio Curu (Sertão do Ceará): Psicologia Comunitária e Comunidades Rurais, que é vinculado ao Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM) da Universidade Federal do Ceará. O referido projeto desenvolve uma atuação, desde 2009, na comunidade rural de Canafístula, em parceria com a Escola Popular Cooperativa (EPC), programa de educação popular baseado na aprendizagem cooperativa. Atualmente participam do projeto quatro extensionistas com formação em Psicologia que atuam na comunidade quinzenalmente, nos finais de semana. A partir da avaliação das atividades realizadas no projeto em 2010, uma maior participação dos extensionistas na dinâmica da comunidade foi percebida como meta para realização de uma atuação mais efetiva. Assim, este trabalho tem como o objetivo abordar as atividades e as reflexões desenvolvidas no projeto durante o primeiro semestre de 2011 com foco na inserção comunitária a partir de dois eixos principais: a facilitação do grupo “Baluarte” com jovens da comunidade e o mapeamento psicossocial. Este consiste na compreensão da dinâmica interna da comunidade, atentando para as dificuldades que impedem o desenvolvimento comunitário, bem como, as potencialidades individuais e coletivas; intenta-se também detectar as categorias psicossociais concernentes à Psicologia Comunitária, como sentimento de pertença a comunidade e atividade comunitária para um melhor entendimento da dinâmica comunitária. Além desse foco, desde o início da atuação existia um grupo facilitado pelos extensionistas com os estudantes da EPC, neste ano, devido a uma demanda dos alunos e dos agentes da extensão buscou-se expandir o grupo para além da escola, procurando abranger outros jovens que não fazem parte da EPC. Com essa proposta, estamos construindo um grupo de jovens da comunidade de Canafístula, que tem como objetivos criar momentos de reflexão acerca das questões que permeiam a vida comunitária e, posteriormente, intervir na realidade local. Por meio destas duas frentes de atuação intentamos fortalecer processos de desenvolvimento comunitário, buscando facilitar intervenções transformadoras na realidade, que geram um melhor convívio interpessoal e bem estar psíquico para os moradores, entendendo que a realidade material estabelece relações diretas com o funcionamento do psiquismo humano.

**Texto completo:** Experiências de desenvolvimento comunitário a partir de um Projeto de Extensão em Psicologia Comunitária no interior do Ceará.

Antonio Alan Vieira Cardoso

(Graduando em Psicologia da UFC; Integrante do NUCOM)

Denise Costa Rodrigues

(Graduando em Psicologia da UFC; Integrante do NUCOM)

David Vieira de Araújo

(Graduando em Psicologia da UFC; Integrante do NUCOM)

James Ferreira Moura Júnior

(Mestrando em Psicologia da UFC; integrante do NUCOM)

Verônica Morais Ximenes

(Professora Doutora em Psicologia da UFC; Coordenadora do NUCOM)

## Resumo

O desenvolvimento comunitário, como é concebido pela Psicologia Comunitária, envolve processos de conscientização dos sujeitos comunitários acerca de sua realidade pautados na autonomia, na democracia, na cooperação e na libertação. É importante ressaltar que todos esses processos são inscritos no psiquismo humano e marcam profundamente o modo como os sujeitos significam suas relações interpessoais e agem no mundo. Para que eles ocorram, é necessária a real inserção comunitária dos extensionistas envolvidos em intervenções comunitárias. Por meio desta perspectiva, desenvolve-se o projeto de extensão: Desenvolvimento Comunitário na Região do Médio Curu (Sertão do Ceará): Psicologia Comunitária e Comunidades Rurais, que é vinculado ao Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM) da Universidade Federal do Ceará. O referido projeto desenvolve uma atuação, desde 2009, na comunidade rural de Canafístula, em parceria com a Escola Popular Cooperativa (EPC), programa de educação popular baseado na aprendizagem cooperativa. Atualmente participam do projeto quatro extensionistas com formação em Psicologia que atuam na comunidade quinzenalmente, nos finais de semana. A partir da avaliação das atividades realizadas no projeto em 2010, uma maior participação dos extensionistas na dinâmica da comunidade foi percebida como meta para realização de uma atuação mais efetiva. Assim, este trabalho tem como o objetivo abordar as atividades e as reflexões desenvolvidas no projeto durante o primeiro semestre de 2011 com foco na inserção comunitária a partir de dois eixos principais: a facilitação do grupo “Baluarte” com jovens da comunidade e o mapeamento psicossocial. Este consiste na compreensão da dinâmica interna da comunidade, atentando para as dificuldades que impedem o desenvolvimento comunitário, bem como, as potencialidades individuais e coletivas; intenta-se também detectar as categorias psicossociais concernentes à Psicologia Comunitária, como sentimento de pertença a comunidade e atividade comunitária para um melhor entendimento da dinâmica comunitária. Além desse foco, desde o início da atuação existia um grupo facilitado pelos extensionistas com os estudantes da EPC, neste ano, devido a uma demanda dos alunos e dos agentes da extensão buscou-se expandir o grupo para além da escola, procurando abranger outros jovens que não fazem parte da EPC. Com essa proposta, estamos construindo um grupo de jovens da comunidade de Canafístula, que tem como objetivos criar momentos de reflexão acerca das questões que permeiam a vida comunitária e, posteriormente, intervir na realidade local. Por meio destas duas frentes de atuação intentamos fortalecer processos de desenvolvimento comunitário, buscando facilitar intervenções transformadoras na realidade, que geram um melhor convívio interpessoal e bem estar psíquico para os moradores, entendendo que a realidade material estabelece relações diretas com o funcionamento do psiquismo humano.

## 1. Introdução

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário (2011), 59% das pessoas na extrema pobreza – aquelas que têm renda inferior a R\$70 por mês – estão no Nordeste de nosso país. O Ceará, estado que possui 4,4% da população brasileira, agrega quase 10% das pessoas em extrema pobreza do Brasil (BARRETO, SANTOS, MANSO, 2009). Unindo-se a isto temos os impactos sociais e simbólicos que a pobreza implica, resultando em fatores que podem fazer parte da vida das pessoas imersas em condições de pobreza, como desagregação familiar e comunitária, alcoolismo, drogadicção, servilismo, anomia e violência (GÓIS, 2008).

Como contraponto a essas implicações opressoras da pobreza, é desenvolvida a ação extensionista pelo Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM), vinculado à Universidade Federal do Ceará, a partir do Projeto de Extensão “Desenvolvimento Comunitário na Região do Médio Curu (Sertão do Ceará): Psicologia Comunitária e Comunidades Rurais” visando o desenvolvimento comunitário dessa região, existindo desde 2005, especificamente na comunidade de Canafistula, desde 2009.

Entendemos como desenvolvimento comunitário processos de conscientização dos moradores das comunidades acerca de sua realidade; construção coletiva das decisões que visam o desenvolvimento da comunidade; fortalecimento das capacidades individuais e coletivas de transformação da comunidade; e libertação dos sujeitos das condições opressoras, que impedem as relações dialógicas e as atuações transformadoras no contexto comunitário. Percebemos, então, que esses processos constituem novos caminhos de enfrentamento de realidades opressoras, como a da pobreza em seus níveis material, simbólico e social. (XIMENES et al, 2008.)

Pretendemos aqui apresentar o desenvolvimento comunitário como perspectiva de práxis em Psicologia Comunitária na área rural, em um processo de extensão/cooperação universitária para o fortalecimento de grupos existentes nos locais de atuação, bem como dos sujeitos comunitários. Concebemos como práxis a fusão da teoria e da prática. No entanto, para o desenvolvimento dessa perspectiva, percebemos que o Ensino e a Pesquisa são ferramentas fundamentais. Assim, realizamos grupos de estudos sobre as temáticas concernentes a realidade do campo de atuação e estamos desenvolvendo uma pesquisa feita pelos extensionistas para compreender a dinâmica comunitária (mapeamento psicossocial) e, conseqüentemente, haver uma maior inserção na comunidade.

Toda nossa atuação é orientada por uma práxis libertadora. Esta é compreendida como uma união entre teoria e prática, no sentido de que uma alimenta a outra, e vice-versa, que está a serviço da população oprimida em nosso estado, em nosso país e na América Latina como um todo (MARTÍN BARÓ, 1994). Compreendemos que a subjetividade é marcada por aspectos ideológicos e que os indivíduos socialmente desorganizados estão em situação de desamparo, fragilizados (GÓIS, 2008). Buscamos negar a sujeição de nosso povo, promovendo o fortalecimento dos sujeitos comunitários, focando em seu potencial para produzir conhecimento, cultura, relações amorosas e de bem-estar. Destarte, facilitamos processos em que possam sentir-se enquanto indivíduos portadores de uma identidade fortalecida em seus aspectos pessoais e culturais. A epistemologia da Psicologia Comunitária de acordo com Montero (2005) é perpassada por uma relação entre o psicólogo comunitário e os sujeitos da comunidade, ambos produtores de conhecimento. O intercâmbio de saberes é fundamental para a construção de uma proposta de desenvolvimento comunitário que leva em

consideração as necessidades dos diversos atores envolvidos nos processos da comunidade, sejam eles agentes internos ou externos.

## 2. Metodologia

Esta ação extensionista é desenvolvida desde 2009 no município de Apuiarés, que fica a 114 quilômetros de Fortaleza, tendo atuação nas comunidades de Riacho do Paulo e Canafístula, estando atualmente restrito a última. Anteriormente, era realizada no município de Pentecoste. Fazem parte desta atuação três estudantes de Graduação em Psicologia da UFC e um estudante de Mestrado em Psicologia da UFC vinculados ao NUCOM, em parceria com a Escola Popular Cooperativa (EPC) de Canafístula. A atuação acontece quinzenalmente, aos finais de semana. Semanalmente acontecem reuniões de supervisão com o intuito de avaliar o processo extensionista com foco no ensino e na pesquisa entre os participantes do projeto vinculados ao NUCOM. Igualmente, em formato, semanal, também acontecem reuniões de campo, em que a equipe se encontra para refletir sobre o processo de campo e propor novas formas de atuação, no sentido de potencializar nosso trabalho.

Baseamo-nos na crítica pautada por Paulo Freire (1977) quanto ao termo Extensão e suas implicações – estender sobre, de um local que “possui” a outro que “não-possui” – e no modelo de intervenção proposto por Góis (1993) como Comunitária ou Política fundada no princípio do reconhecimento da força e das capacidades dos moradores e na transformação do indivíduo-coisa em indivíduo-sujeito. Utilizamos também o modelo de intervenção proposto por Ximenes et al (2007) denominado de cooperação universitária. Este modelo de fazer extensão parte dos pontos já mencionados e propõe uma co-operação “no sentido de atuação conjunta, onde não há uma hierarquização do saber-fazer, onde os saberes, apesar de diferentes, possuem a sua importância e é a partir desta diferença que o novo poderá ser criado” (XIMENES et al, 2007, p. 34). Colocamo-nos em campo enquanto facilitadores que atuam orientados pelas demandas apresentadas pela comunidade. Acerca da metodologia da Psicologia Comunitária Montero (2004) traz que seus métodos devem ser

capazes de produzir perguntas e respostas frente as transformações e os planejamentos que essas provocam. Método cuja característica fundamental seja a capacidade de mudar segundo as transformações do problema de estudo de tal maneira que se gerem construções a partir de uma ação crítica e reflexiva de caráter coletivo. Busca-se, então, construir uma metodologia dialógica, dinâmica e transformadora [...] (p.98, tradução nossa)

Enfatizamos atitudes de investigação na ação extensionista, porque percebemos que a atuação tem que estar pautada no respeito, na valorização e na problematização da realidade social da comunidade. Nossa possibilidade de compreensão de uma comunidade dá-se por meio do olhar de pesquisador. A observação participante é, portanto, o método escolhido para, segundo Angrosino (2009), o entendimento da realidade social e dos sujeitos locais. Utilizamos a técnica do diário de campo para sistematização dessas informações (MONTERO, 2006).

Desde 2009, o projeto tem atuado junto aos jovens da Escola Popular Cooperativa, que agrega pessoas de Canafístula e de comunidades circunscritas. Uma das ações é um grupo de protagonismo juvenil que têm se

orientado para o fortalecimento dos sujeitos e do seu potencial crítico - etapa fundamental para o desenvolvimento comunitário. Os encontros ocorriam de forma quinzenal, tendo como público principal os estudantes da escola popular cooperativa (EPC), na própria sede da EPC de Canafístula. A atuação segundo este formato se estendeu até o final do ano de 2010. Neste período foram utilizadas diversas metodologias para facilitação do grupo, como Círculos de Cultura (FREIRE, 1989), Círculos de Encontro (GÓIS, 2008), Rodas de Conversa (GÓIS, 2008), dramatizações, relaxamentos e metodologias planejadas pela equipe. No ano de 2011, a equipe se voltou para a re-inserção na comunidade que, segundo Araujo (1999) é um processo em que os atores se inserem e se aprofundam na realidade comunitária e suas problemáticas, sem, entretanto, se confundir com esta e esquecer sua posição diferenciada. Trata-se do método dialógico vivencial (GÓIS, 2008), em que o extensionista ou o psicólogo comunitário dispõe-se a vivenciar seu lugar de atuação, inserindo-se em seu cotidiano. Ele, porém continua sendo um agente externo, e deverá afastar-se dos processos comunitários para que possa realizar avaliações e reflexões sobre os processos vividos, auxiliado por sua base teórica. Por meio desse método busca-se através da inserção participativa na vida comunitária e da cooperação dialógica entre profissional e morador, a construção conjunta de uma proposta de desenvolvimento comunitário, fundamentado em uma prática de libertação.

### 3. Resultados e Discussões

A atuação do NUCOM na região do Médio-Curu sempre ocorreu em parcerias com grupos das comunidades, com uma vinculação que auxiliava e fortalecia o papel de cada componente da parceria junto à comunidade. Nestes anos, nossos parceiros foram a Agência de Desenvolvimento Local (ADEL), a Associação Comunitária dos Agricultores Canafístula (ACAC) e a EPC-Canafístula.

A demanda por articulação comunitária foi o principal chamado para a atuação do NUCOM na região do Médio-Curu. Na comunidade de Riacho do Paulo, a principal dificuldade estava na articulação dos apicultores para seu desenvolvimento econômico, o que implicava em prejuízo para a qualidade de vida das pessoas, que por sua vez apresentavam pouca mobilização comunitária para reivindicação e luta por mudanças estruturais do local. O trabalho foi no sentido de auxiliar o desenvolvimento de trabalhos cooperativos, visando geração de renda e de desenvolvimento para o lugar, com fortalecimento de vínculos afetivos, sociais e trabalhistas.

Em Canafístula o foco esteve inicialmente em desenvolver trabalhos com produtores para desenvolvimento pessoal e comunitário e em propiciar autonomia para que o grupo pudesse se gerir e ter continuidade mesmo depois do encerramento do projeto. Atualmente o nosso foco está no desenvolvimento comunitário por meio do protagonismo juvenil e da articulação entre os diversos atores comunitários que muitas vezes intervêm na realidade local sem se articular para a potencialização dos processos.

No segundo semestre de 2010, foi realizada uma Noite Cultural com o intuito de resgatar a história da comunidade e promover espaços de socialização e integração entre seus moradores. Até então o desenvolvimento dos sujeitos participantes do grupo estava desvinculado da realização de atividades comunitárias, que, segundo Góis (2005), são atividades feitas pela e para comunidade. Esta ação comemorativa organizada pelos jovens da EPC deu provas do avanço no processo de fortalecimento dessas

peças enquanto moradores conscientes de sua realidade e deu seu potencial para transformá-la. Vale ressaltar que a transformação aqui não se restringe ao plano reflexivo, estando também no plano da ação. Em 2011.1 foi criado, junto aos jovens da EPC-Canafístula, o grupo Baluartes, cujo objetivo é “criar momentos de reflexão e discussão, unindo forças para transformar a nossa realidade”. É importante ressaltar que este objetivo foi criado pelos próprios jovens participantes do grupo.

Percebemos que estamos avançando no sentido de aproximar os jovens das questões coletivas de sua comunidade, de modo a pensá-las, reconhecendo-se enquanto atores sociais. Este tem sido um grande avanço diante da demanda colocada pelos moradores de Canafístula que em seus relatos costumam falar de duas juventudes da localidade: uma que não tem perspectivas de progresso e crescimento; e outra que busca a entrada na universidade como modo de crescimento pessoal, mas sem grandes perspectivas de devolutiva para seu lugar de origem. Assim, nossa atuação insere-se no sentido de fortalecer uma terceira via de juventude: uma que seja ativa, protagonista, preocupada com seus pares e com o desenvolvimento de sua comunidade.

No semestre de 2011.1 realizamos, em parceria com outros atores da comunidade, a saber: a Associação Comunitária de Agricultores de Canafístula (A.C.A.C.), a Escola de Ensino Fundamental e Médio Nely Ribeiro Luz e a EPC, que já era nossa parceira, o São João de Canafístula. Esta ação se constitui como resgate da tradição local, em um processo de fortalecimento do sentimento de pertença ao lugar, da identidade cultural e do diálogo entre os atores da comunidade. O processo de construção do evento se deu de modo horizontal, o que significa que os jovens e as pessoas mais experientes puderam contribuir de modo equânime, de acordo com suas possibilidades. O festejo contou com grande participação da comunidade.

Outra resultante do processo de inserção foi a estruturação do grupo Baluartes. A equipe anterior de extensionistas facilitava um grupo de protagonismo juvenil com os estudantes da EPC cujo principal objetivo era refletir sobre a realidade da comunidade. O grupo Baluartes surge da demanda, tanto dos extensionistas quanto dos jovens, de expandir o grupo, de modo que ele contasse com outras pessoas de Canafístula e que ele tivesse um caráter mais interventivo, planejando e executando ações para o desenvolvimento do lugar. Hoje está voltado para a revitalização da atividade esportiva na comunidade.

Por meio de algumas discussões do grupo foram levantadas algumas dificuldades que perpassavam a dinâmica da comunidade, umas delas foi a questão do fim das atividades do time de futebol de Canafístula, que se constitui historicamente na comunidade e que fazia parte da realidade local, atraindo nos dias de jogos uma determinada parcela da comunidade que se reunia para torcer pelo seu time. Compreendida a importância do grupo esportivo para a comunidade e para muitos dos participantes do grupo Baluartes, a tentativa de poder revitalizar o time de Canafístula passou a ser o foco das atividades do grupo.

Posteriormente, por meio de algumas reuniões, foram sendo discutidos junto com pessoas de referência no esporte para a comunidade formas do time voltar a acontecer. No decorrer do processo esse foi objetivo foi sendo alcançado e hoje o time pode voltar a ter suas atividades na comunidade de Canafístula.

Para aperfeiçoar o processo, iniciamos um mapeamento sócio-comunitário (psicossocial) que consiste em uma pesquisa para entender a dinâmica comunitária e os sujeitos locais. Continuamos, igualmente, a trabalhar com o grupo de jovens, que no último semestre tem buscado agregar pessoas não-vinculadas à EPC. A pesquisa consiste em um mapeamento psicossocial, que investiga os significados e sentidos presentes na comunidade, seus valores, suas formas de relação pessoal, suas demandas e mesmo a sua compreensão sobre o que é o trabalho que desenvolvemos na região. Realizamos-la por meio de entrevistas semi-estruturadas, que ocorrem em visitas que fazemos às residências dos moradores da comunidade. Além de potencializar nossa atuação

esse instrumento é uma forma de nos apropriarmos da dinâmica comunitária, fortalecendo os laços com os diversos moradores, que de certa forma se aproximam das nossas atividades e têm uma melhor compreensão do que seja nossa atuação.

#### 4. Conclusão

A nossa atuação na comunidade de Canafístula tem se baseado, então, no desenvolvimento do sujeito comunitário, compreendendo este como indivíduo ativo no processo de transformação da realidade comunitária. Por meio do grupo de estudantes e de jovens da comunidade, estamos construindo um espaço de reflexão acerca das questões que permeiam a vida comunitária, facilitando processos de aprofundamento de consciência dos seus integrantes e possibilitando uma visão mais ampliada e crítica em relação ao contexto comunitário e sobre suas formas de intervenção, ou não, na comunidade.

Compreendendo a importância de uma atuação concreta na realidade de pobreza, podemos perceber que a Noite Cultural, o festejo junino e a organização do Grupo Baluarte são atividades organizadas pelos atores juvenis da comunidade. Elas possibilitaram o resgate da história da comunidade, possibilitando uma aproximação dos jovens com o restante da comunidade e o fortalecimento do sentimento de pertença à comunidade. A importância dessas ações está também atrelada ao processo de autonomia dos jovens, fundadas em espaços de discussão e também de intervenção na realidade.

Essas ações se configuraram como atividades comunitárias, que refletem intervenções na realidade, fortalecendo os sujeitos no processo de resgate da sua cultura e da realização de atividades coletivas na comunidade a partir de práticas cooperativas e participativas. Compreendemos que essa atuação constitui uma prática de combate as repercussões opressoras da pobreza que produz anomia, violência, desagregação comunitária e submissão, pois fortalece os atores da comunidade, repercutindo em movimentos de consciência mais críticos e em relações mais cooperativas e afetuosas. É construída, então, uma dinâmica comunitária fundada na criticidade, no afeto e na cooperação.

Através de nossa atuação na comunidade, que é pautada atualmente na (re)inserção no campo e no grupo de jovens, podemos perceber que a extensão enquanto práxis implicada na transformação positiva da realidade é possível. A construção de conhecimento que se faz a partir da atuação prática traz uma contribuição essencial para uma formação em Psicologia que é permeada por um compromisso ético-político com as classes oprimidas e que se constrói como transformação da sociedade.

#### REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. Etnografia e Observação Participante. Porto Alegre, Artmed, 2009.

ARAUJO, R. C. O processo de inserção em psicologia comunitária: ultrapassando o nível dos papéis. In: BRANDÃO, I. R.; BOMFIN, Z. M. C. (orgs) Os Jardins da Psicologia Comunitária: Escritos sobre a trajetória de um modelo teórico-vivencial. Fortaleza: Pró-Reitoria de Extensão da UFC/ABRAPSO, 1999. P. 79-96.

BRASIL. Governo da República Federativa do Brasil, Portal Brasil, Notícias – Brasil lidera ranking no combate à

pobreza, Brasília, 2010. Disponível em: . Acesso em: 07 nov. 2010.

BARRETO, F. A.; MANSO, C. A.; SANTOS, J. A. S. O mapa da extrema indigência no Estado do Ceará e o custo financeiro de sua extinção. Relatório de Pesquisa Nº 5. Laboratório de Estudos da Pobreza, CAEN – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: . Acesso em: 10 jun. 2009.

FREIRE, P. Educação Como Prática da Liberdade. Fortaleza: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GÓIS, C. W. L. Noções de Psicologia Comunitária. Fortaleza: Editora Viver, 2º edição, 1993

\_\_\_\_\_. Saúde Comunitária: pensar e fazer. São Paulo: Editora HUCITEC, 2008.

MDA. Ministério do Desenvolvimento Agrário, Primeira chamada de ATER do Brasil Sem Miséria atende dez mil famílias no Semiárido, Brasília, 2011. Disponível em: . Acesso em: 21 jun. 2011.

MARTÍN BARÓ, I. M. Psicología de La Liberación. Trotta: Madrid, 1994.

MONTERO, M. Hacer para transformar: El método em Psicología Comunitaria. Buenos Aires: Paidós:, 2006.

\_\_\_\_\_. Introducción a la psicología comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos. Buenos Aires: Paidós, 2004.

XIMENES, V.M.; AMARAL, C. E. M.; REBOUÇAS JÜNIOR, F.G; BARROS, J. P. P. Desenvolvimento local e desenvolvimento comunitário: Uma visão da Psicologia Comunitária. In: XIMENES, V.M.; AMARAL, C. E. M.; REBOUÇAS JÜNIOR, F.G. (org.); Psicologia comunitária e educação popular: vivências de extensão/cooperação universitária no Ceará. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2008.

XIMENES, V. M.; NEPOMUCENO, B. B.; MOREIRA, A. E. M. M. Cooperação Universitária: Uma prática comunitária/libertadora a partir da psicologia comunitária. In: CORDEIRO, A. C. F.; VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos. Fortaleza: Editora Aquarela, 2007.